

possível correlação da doença com as chuvas no litoral paulistano no período analisado pelo trabalho.

Objetivo: Analisar a incidência de leptospirose no litoral de São Paulo em 2023.

Metodologia: Estudo ecológico observacional realizado a partir de dados secundários do Sistema de Informações Hospitalares (SIH) alojados no DATASUS (Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil) referentes aos anos de 2021 e 2023 e do setor de zoonoses do estado de São Paulo encontrados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação referentes a 2023, cerceando a coleta entre janeiro e abril deste ano. Foram consideradas as variáveis de internações por leptospirose dos 16 municípios do litoral de São Paulo e de casos notificados e confirmados em 28 Grupos de Vigilância Epidemiológica (GVE) de residência do estado. Foi realizada estatística descritiva no Microsoft Excel.

Resultados: Houve aumento de média de 3,41 internações por leptospirose em 2022 para média de 6,25 de janeiro a abril de 2023 no litoral paulista. Caraguatatuba e Santos, municípios do litoral paulista citados por dados do GVE, apresentaram, respectivamente, aumento de, em média, 2,44 para 22 e 15,08 para 43,75 casos notificados por mês quando comparado o ano de 2021 ao período analisado de 2023. Quanto ao número de casos confirmados nos mesmos períodos, Caraguatatuba manteve média de 0,25 casos ao mês, enquanto Santos obteve aumento médio de 3 para 6,25 casos mensais.

Conclusão: Observou-se o acréscimo da incidência desta doença na região litorânea paulista em 2023. Este estudo corrobora o padrão descrito na literatura, sugerindo a alta ocorrência da leptospirose relacionada às condições ambientais. Comparado com anos anteriores, 2023, em apenas quatro meses, teve ocorrência aumentada da leptospirose na região em quase todos os itens analisados. Isso pode ser explicado pelos alagamentos causados pelas chuvas que atingiram o local em fevereiro de 2023. Portanto, é preciso promover melhorias nas condições de saneamento básico e de coleta de lixo nesses locais, pois na falta desses cuidados, agrava-se o contato da população com a *Leptospira* sp.

Palavras-chave: Costa Inundações Leptospirose

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103119>

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DAS INTERNAÇÕES POR SÍFILIS CONGÊNITA NO BRASIL NOS ÚLTIMOS 5 ANOS

Sofia Cisneiros Alves de Oliveira*, Julia Leite Garcia, Manuela Leitão Nunes, Íris Tarciana de Freitas Cunha, Renato Brito dos Santos Júnior

Universidade Federal de Sergipe (UFS), Lagarto, SE, Brasil

Introdução: Na sífilis congênita, a maioria dos casos acontece porque a mãe não foi testada ou porque recebeu tratamento não adequado. Estima-se que, na ausência de tratamento eficaz, 13% resultarão em parto pré-termo ou baixo peso ao nascer, além de pelo menos 20% de RN que apresentarão sinais sugestivos de sífilis congênita.

Métodos: Foi realizado um estudo transversal com dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil. Esse, teve como objetivo realizar uma análise

epidemiológica acerca das internações por Sífilis Congênita, nas unidades de federação nos últimos 5 anos, de janeiro de 2018 a maio de 2023.

Resultados: Ela pode ser precoce (até o segundo ano) ou tardia (após os dois anos). É visto que o Brasil, nos últimos 5 anos, apresentou um montante de cerca de 104.501 internações pela doença, sendo os estados do Rio de Janeiro (12.901), São Paulo (7.908) e Pernambuco (7.209), os maiores contribuintes. Notou-se que o ano de 2021 trouxe mais casos, chegando a um total de 21.346 internações (20,4%), e que, esse número cresceu ao longo dos anos. Destas internações, 97,8% se deu através da urgência. Vê-se que a proporção entre bebês do sexo masculino e feminino afetados foi semelhante, com 48,5% e 51,4%. Sobre a raça, é observado que, recém-nascidos pardos (44.960) e brancos (18.786) foram os mais afetados. Os casos de sífilis precoce ocorrem na grande maioria dos casos (98,4%), sendo que os tardios diminuem com o avançar da idade. Houve um total de gastos de R\$ 76.774.541,60, logo, nota-se que esse valor poderia ser minimizado com ações de prevenção primária ou secundária. Analisando o desfecho desses casos, a média de dias da internação, foi de cerca de 9,0 dias. Ocorreram 206 óbitos nesse período devido a essa condição, o que representa uma taxa de mortalidade de 0,20. Os estados do Pará e de Alagoas possuem as maiores taxas de mortalidade. Por fim, percebe-se, a partir dos dados supracitados, a necessidade de se intensificar as ações de vigilância, prevenção e promoção de saúde, a fim de reduzir o número de internações por esta condição.

Conclusão: Trata-se de uma doença passível de ser prevenida. A eliminação pode ser alcançada por meio da implementação de estratégias efetivas de diagnóstico precoce e tratamento adequado nas gestantes e suas parcerias sexuais. Assim, o risco de desfechos desfavoráveis à criança será mínimo. Ressalta-se que o cuidado envolve diferentes pontos de atenção à saúde e o seguimento é essencial.

Palavras-chave: Sífilis Congênita Infecções Sexualmente Transmissíveis Epidemiologia Neonatologia Gestação

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103120>

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DOS CASOS DE FEBRE MACULOSA NO BRASIL: ESTUDO ECOLÓGICO

Francisco Carlos Brilhante Neto^{a,*}, Ana Clara Aragão Fernandes^a, Ticianne Nunes de Miranda Bento^a, Fátima Ayrine Pereira Lima^a, Joice Raquel Urbano do Nascimento^a, Luiza Barreto de Carvalho^b

^a Universidade Potiguar (UnP), Belo Horizonte, MG, Brasil;

^b Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), Porto Seguro, BA, Brasil

Introdução/Objetivo: Analisar os casos confirmados de febre maculosa e sua distribuição regional no Brasil.

Métodos: Estudo ecológico realizado por meio de dados extraídos do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) provenientes do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) de todos estados

brasileiros entre os anos de 2010 a 2020. Os participantes foram brasileiros de ambos os sexos de 0 a 80 anos que foram casos confirmados e notificados no SINAN. As variáveis analisadas foram: regiões brasileiras, anos e número de casos confirmados. As variáveis foram analisadas por meio da estatística descritiva.

Resultados: Durante o período analisado, foram registrados um total de 1.977 casos confirmados de febre maculosa no Brasil. Observamos variações no número de casos ao longo dos anos, com um pico de 274 casos em 2019. A Região Sudeste apresentou o maior número de casos, totalizando 1.427, seguida pela Região Sul (472) e Região Nordeste (38). As regiões Norte e Centro-Oeste apresentaram menor número de casos, com 7 e 33, respectivamente.

Conclusão: A febre maculosa continua sendo um desafio de saúde pública no Brasil, com variações no número de casos ao longo dos anos e uma distribuição geográfica desigual. A concentração de casos nas regiões Sudeste e Sul corrobora com a literatura e ressalta a importância de medidas de controle do vetor e de educação em saúde nessas áreas. No entanto, é necessário melhorar a vigilância epidemiológica e a qualidade dos dados notificados, a fim de obter uma visão mais precisa da situação da febre maculosa no país e direcionar estratégias de prevenção e controle mais eficazes.

Palavras-chave: Febre Maculosa Epidemiologia Brasil

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103121>

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DOS CASOS DE SÍFILIS GESTACIONAL NO BRASIL NO PERÍODO DE 2012 A 2021

Pedro Henrique Nunes Barra^{a,*}, Clara Bunge Reis^b,
Murilo Santos Temponi^c,
Sara Silveira Lopes Ribeiro Benjamin^d,
Ana Carolina Maia Alfonso^d,
Milena Roberta Freire da Silva^e

^a Faculdade de Ciências Médicas e da Saúde de Juiz de Fora (FCMS), SUPREMA, Juiz de Fora, MG, Brasil;

^b Universidade Salvador (UNIFACS), Salvador, BA, Brasil;

^c Universidade de Rio Verde (UniRV), Rio Verde, GO, Brasil;

^d Centro Universitário Municipal de Franca (UNI-FACEF), Franca, SP, Brasil;

^e Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, PE, Brasil

Introdução: A sífilis é uma infecção sexualmente transmissível causada pela bactéria *Treponema Pallidum*. A taxa de detecção de sífilis em gestantes elevou-se 3,6 vezes quando comparados os anos de 2011 e 2017. Até o momento, existem poucos estudos que comparam a epidemiologia entre as regiões do Brasil. O objetivo foi analisar os dados epidemiológicos dos casos notificados de sífilis gestacional no Brasil.

Metodologia: Estudo epidemiológico observacional do tipo análise de série temporal, a partir de dados extraídos do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) e originários do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde (SIH/SUS). Os participantes selecionados foram mulheres, grávidas, brasileiras,

diagnosticadas com sífilis no período de 2012 a 2021. Ademais, foram selecionadas regiões de notificação, ano de diagnóstico, faixa etária, escolaridade e classificação clínica, analisadas por meio de estatística descritiva.

Resultados: Foram registrados 395.483 casos de Sífilis Gestacional (SG). O Sudeste foi a região com maior notificação de casos (46,38%) e o Centro-Oeste com a menor (8,09%). Houve um aumento de 105,22% no número de casos notificados no ano de 2012 (29.919) comparados com 2020 (61.402), sendo 2018 o ano com maior número de casos (63.250). A maior frequência foi observada em gestantes que apresentavam da quinta a oitava série do ensino fundamental incompleta, em todas as regiões, exceto no Sudeste, no qual as gestantes com ensino médio completo foram as mais acometidas (20,04%). A faixa etária mais afetada foi a de 20 a 39 anos (71,90%). A Sífilis Latente (SL) foi a mais comum (31,92%), seguida da Sífilis Primária (SP) (27,93%). Entre as regiões, a SP foi mais comum no Norte (43,75%), Nordeste (30,16%), Sul (31,94%) e Centro-Oeste (28,03%) e a SL no Sudeste (40,95%).

Conclusões: Observou-se um aumento significativo no número de casos de SG no Brasil, sendo a região Sudeste responsável por quase metade da totalidade dos casos. Além disso, o Sudeste apresentou uma maior ocorrência de SL e em gestantes com grau de escolaridade mais elevado, diferentemente do encontrado nas demais regiões, onde predominou a SP e em gestantes com baixo grau de escolaridade. Os achados estão em conformidade com a literatura, exceto a maior ocorrência de SL em comparação com a SP, que difere do encontrado em outras publicações. Uma possível explicação para esse fato é o grande número de casos de SL presentes no Sudeste.

Palavras-chave: Sífilis Gestacional Análise epidemiológica Brasil

<https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103122>

ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA DOS CASOS NOTIFICADOS DE SÍFILIS CONGÊNITA NO ESTADO DO AMAPÁ DE 2020 A 2022

Paulo de Oliveira Neto^{a,*}, Carolline Alves Ibiapino^a,
Denise Tavares Camara do Nascimento^b,
Higor Netto Roizenblit^c,
Gabriela Gonçalves de Medeiros Dela Bianca^d,
Pedro Arthur Gonçalves de Medeiros Dela Bianca^e,
Alex André Lelis da Costa^a,
Arieta de Souza Barros Vales^a,
Emanuelle Portal Moraes^a,
Thaiane dos Santos Oliveira^a

^a Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá, AP, Brasil;

^b Universidade Potiguar (UnP), Belo Horizonte, MG, Brasil;

^c Faculdade São Leopoldo Mandic, Araras, SP, Brasil;

^d Centro Universitário Facisa (UNIFACISA), Campina Grande, PB, Brasil;

^e Universidade Federal de Campina Grande (UFCCG), Campina Grande, PB, Brasil

Introdução: A sífilis congênita é uma infecção resultante da transmissão da sífilis materna, causa pela bactéria